

GT02: Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia Pinheiro, Alexsânder Nakaóka

Formas de expressão e materiais sensíveis, gráficos e audiovisuais têm constituído parte significativa dos processos de pesquisa antropológica, presentes não somente pelo que "mostram" de modo objetivo, mas também pelas texturas, autorias, sensações e pela receptividade ao caráter experimental do pensamento. Entre recursos diversos, como desenhos, montagens, fotografias e filmes/vídeos, propomos acolher discussões sobre sensibilidades e sensorialidades no fazer etnográfico-antropológico, assim como contribuições analíticas sobre a construção do conhecimento científico a partir da produção de materiais sensíveis diversos, de modo colaborativo entre interlocutoras/es e o meio acadêmico. Sendo assim, a proposta deste GT é reunir pesquisadoras/es que promovam em seus trabalhos a relação entre poética e Antropologia, de modo a estimular discussões sobre as múltiplas potencialidades narrativas acionadas nos atos de observar, registrar, descrever, criar, imaginar e compartilhar, permeadas por sentidos e sensibilidades. Se dão em meio a campos de forças, relações de poder e conflitos, que dizem respeito tanto à própria constituição da Antropologia Audiovisual e da Imagem, quanto aos inumeráveis temas e campos de pesquisa nos quais podemos atuar. O GT dá continuidade a eventos anteriores - como o 18º Congresso da IUAES, a 31ª e 32ª RBAs e a XIII RAM, que por sua vez contribuíram para a formação do GT homônimo na Associação Latino-Americana de Antropologia Social (ALA).

"O Corpo Dela é Uma Ocupação": activismos e mulheridades

Autoria: Luciana Ribeiro

Eu tenho uma amiga Dj. Até aí, nada de novo, além do meu privilégio de circular pelas festas virtuais que se multiplicaram rapidamente durante o isolamento social deflagrado pela pandemia da Covid19 em março de 2020. Ela é uma Dj feminista. E, foi com ela e com outras amigas artistas cantoras, compositoras e performers que pude perceber mais atentamente tanto as letras, melodias e batidas presentes em algumas das músicas que escutava. Nas festas virtuais que fui (e ainda vou), procuro estar atenta ao que escuto e de como as mulheres presentes se comportam quando as melodias, consideradas por mim como feministas, são tocadas. De início, havia apenas um interesse desprezioso em escutar as músicas e observar o que dali emergia em meio aos sons, imagens e pessoas (na maioria desconhecidas) que surgiam nas janelinhas do Zoom, plataforma usada para festas virtuais diante de sua maior aplicabilidade no uso de imagem e som. Aos poucos, fui conhecendo e reconhecendo uma série de artistas que tratavam de formas diferentes o debate feminista e transfeminista contemporâneo, com destaque para o contexto de corpos, identidades e sexualidades dissidentes. Experimentações que ajudaram na construção de um projeto de pesquisa para um pós-doc, ainda em fase embrionária. O texto que proponho trazer para este GT advém de uma dessas experimentações. Trata-se de um bate papo sobre música e feminismo na Rádio Cafuné (@radiocafune), em um programa que as mulheres da rádio estavam começando a construir: a "Cafunelas". Minha participação incluía conversar sobre música e feminismo e, entre um bate papo e outro, tocar algumas músicas de uma setlist montada por mim. Dessa forma, este texto tem a intenção não só de contar como foi esse bate papo feminista musical na Cafunelas, mas também, de como surgiu meu interesse sobre músicas, feminismos, mulheridades e corpos dissidentes a partir de algumas das melodias produzidas no Brasil nos últimos dez anos (de 2010 até 2020) por mulheres e/ou outras pessoas da comunidade LGBTQIA+ que, de alguma forma me chamaram atenção por abordarem tais questões. Assim, este texto tem um recorte pessoal, destacando o que encontrei de mais expressivo em minhas buscas como consumidora a partir de minhas pesquisas nos apps: Spotify, Youtube e Instagram. Para isso, uso, como base de observação e análise, autoras

contemporâneas que trabalham com questões ligadas a feminismo, feminismo negro, transfeminismo, arte e ativismo, tais como: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Silvia Federici (2017), Djamila Ribeiro (2018); Jaqueline Gomes de Jesus (2014), Maria Cristina do Nascimento (2014) e Duda Kuhnert (2018). A proposta agora é apresentar tal experimento e, na sequência, expandir a pesquisa para além das festas virtuais. E segue o baile!

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

